

Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



Esposa de Luiz Rubens (esquerda), Amaury Araújo (centro) e Luiz Rubens (direita) | Imagem: [Folha Sertaneja](#)/2019

Sobreviventes do Cangaço – Resenha *Gente de Lampião: Sila e Zé Sereno*, de Antônio Amaury Corrêa de Araújo

Moisés Santos Reis Amaral (PMF/BA)

Resumo: *Gente de Lampião: Sila e Zé Sereno*, de Antônio Amaury Corrêa de Araújo, narra a trajetória dos cangaceiros Sila e Zé Sereno no bando de Lampião. Peca pelo uso apelativo da violência e pela falta de diálogo com outras fontes, mas destaca-se pela preservação de memórias orais e rica contextualização histórica.

Palavras-chave: cangaço; sertão nordestino; história oral.

Gente de Lampião: Sila e Zé Sereno, é obra de um dos mais renomados autores da temática do Cangaço, Antônio Amaury Corrêa de Araújo. É uma publicação da *Traço Editora* e teve sua primeira edição publicada em 1987. É um livro de síntese histórica que tem como objetivo principal narrar os fatos que envolveram a vida do casal de cangaceiros Ilda Ribeiro da Silva e José Ribeiro Filho, ou Sila e Zé Sereno.



Antônio Amaury Corrêa de Araújo nasceu em Boa Esperança do Sul-SP. Odontólogo de profissão, foi um aficionado pelo fenômeno social Cangaço, empreendeu diversas viagens ao Nordeste ao longo de seis décadas de pesquisa, o que lhe rendeu mais de vinte obras solo ou em coautoria. Esse livro nasceu dos depoimentos do casal que o autor encontrou vivendo em São Paulo nos anos 1970. O livro resultante está dividido em 22 capítulos e 144 páginas.

Em geral, obras sobre o cangaço são divididas em numerosos e pequenos capítulos, resultado da difícil prospecção das histórias de cangaceiros, sobretudo pela via da tradição oral, realizada pelos pesquisadores. Isto posto, analisarei alguns capítulos em bloco, observando os objetivos comuns dentro do corpo do texto. É o caso dos capítulos um ao cinco, que traçam o perfil de José Ribeiro filho, desde a sua infância até a sua entrada para o bando de Lampião, finalizando com o seu ritual de batismo até a troca do nome pela alcunha de Zé Sereno, dada pelo chefe.

O capítulo seis está destinado a descrever a vida de Sila, desde a mais tenra infância até os flertes com um outro cangaceiro e finalmente a sua partida para o bando com a esposa de Zé Sereno, quando a jovem sertaneja adere voluntariamente às hostes do Cangaço e passa a viver as aventuras e agruras da vida bandoleira. Nesse trecho, o leitor verá um sem-número de pequenos detalhes, narrados por Sila nas entrevistas concedidas ao autor.

No capítulo sete, uma faceta do Cangaço que causa muito interesse é discutida: a gravidez da cangaceira que é descrita em detalhes. Mais uma vez, tomando como base a narração de Sila, o autor descreve os primeiros meses, a característica da mulher sertaneja de pouco se abalar com o crescimento da barriga, as preocupações constantes com a perseguição dos policiais, as dificuldades para conseguir água em meio à ressequida caatinga e o nascimento precário de uma criança no mundo do Cangaço, entre cantos de pássaros, insetos e animais peçonhentos. Novamente, os detalhes e a fluidez da narração empolgam o leitor.

O capítulo oito aborda uma temática comum em muitos livros sobre Cangaço: o uso excessivo de violência para atrair a atenção do leitor. O caso do cangaceiro Novo Tempo, é um exemplo eloquente disso. Ele foi baleado, socorrido e baleado novamente para sobreviver e sofrer horrores na caatinga. A representação de uma traição violenta e os detalhes de uma vingança trágica podem causar incômodo a alguns leitores.

No espaço entre os capítulos de nove e dezesseis, o autor reuniu as inúmeras histórias prospectadas entre os sertanejos e demais fontes que pudessem trazer para o leitor uma ideia de como era a vida no Cangaço. Esta etapa do texto é uma coletânea de pequenos capítulos, narrados com o intuito de demonstrar a dureza daqueles homens e mulheres, descrito de forma detalhada e fatalista, com uso excessivo de violência.

O capítulo dezessete relata a morte de Lampião sob a perspectiva de Sila e Zé Sereno, a tensão que se abateu sobre o restante do grupo, os relatos do casal que sobreviveu ao massacre de Angico ao sair em disparada pela caatinga, em meio aos tiros que ecoaram na grota. O texto também trata da reunião dos sobreviventes em local estratégico e o abatimento emocional dos cangaceiros. Com tom de lamento, o autor descreve o episódio que marcou o fim de Lampião, Maria Bonita e mais nove cangaceiros e que mudaria para sempre a história do Cangaço e do Nordeste.

Nos capítulos dezoito a vinte, o autor discorre sobre os meses que se seguiram ao evento de Angico. Nesse trecho, relata como os bandos de cangaceiros foram assimilando a perda do chefe, o dismantelamento progressivo das redes de coiteiros que sustentavam o Cangaço, a oferta de anistia do governo Vargas, a decisão de se entregar em novembro de 1938 e, por fim, a deposição das armas. Faltou neste capítulo um diálogo mais efetivo com outras fontes, como relatórios policiais, imprensa da época, registros da igreja de Jeremoabo e afins.

No capítulo vinte e um, estão as considerações finais do autor, suas pontuações sobre o fenômeno do Cangaço, reflexões acerca da violência cometida por forças policiais e por grupos de cangaceiros, as condições socioeconômicas e políticas que possibilitaram o Cangaço como movimento social. São reflexões importantes para que se compreenda o Cangaço em seu mais amplo espectro. O livro ainda apresenta uma cronologia dos fatos narrados na obra, designada como capítulo vinte e dois.

Como pontos positivos dessa obra, destaco a visibilidade dada aos personagens do Cangaço, sertanejos, pobres em sua maioria, que tiveram suas histórias registradas e livradas do esquecimento. Foi somente através da oralidade dos narradores que essa faceta da história pôde ser trazida a público. O Cangaço é, também por isso, um fenômeno histórico que transcende as muralhas da história oficial. Foi só através das entrevistas realizadas pelo autor que tais fatos passaram a fazer parte da historiografia.

Como ponto negativo, cito o uso apelativo da violência, algo que é trivial em quase toda a historiografia do Cangaço, além da ausência de diálogo com outras fontes. Para a pesquisa com história oral, é importante compreender que lembrar é uma reconstrução do passado a partir de determinados pontos de vista, e o pesquisador precisa estar atento a isso. Deriva também disso a necessidade de diversificar o leque de fontes contrastantes.

A obra aqui resenhada busca trazer ao leitor os relatos da vida de cangaceiros e cangaceiras que perambularam por décadas pelo sertão nordestino sob a ótica do casal Sila e Zé Sereno. É, sem dúvida, uma valiosa contribuição para a historiografia do Cangaço na mídia, na qual buscou, por meio dos relatos orais do casal entrevistado, registrar importantes eventos ocorridos nos locais mais remotos do sertão, que poderiam se perder na memória das pessoas. Apesar de fugir um pouco da temática central, o trabalho cumpre com o seu objetivo principal de oferecer ao leitor uma visão em perspectiva de quem foram Sila e Zé Sereno, sendo fundamental para a formação de pesquisadores e curiosos interessados no Cangaço.

Referências

ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de. *Gente de Lampião: Sila e Zé Sereno*. Rio de Janeiro: Traço Editora, 1987.

Sumário de *Gente de Lampião: Sila e Zé Sereno*

1. O menino de Zé de Lídia
2. Deserção de Volta Seca
3. A traição do tio Barbalho
4. A cabeça do cangaceiro Pau Ferro
5. O perfume dos cangaceiros
6. Sila
7. Um filho na caatinga
8. O incrível caso do cangaceiro Novo Tempo
9. Sargento Odilon Flor
10. Trem de ferro
11. Ex-volante, amigos e inimigos
12. A cachaça do Deodato
13. Os cangaceiros em Gado Bravo
14. Sila salvou uma moça
15. O caso de Catende
16. A emboscada frustrada e as mortes que causou
17. Zé Sereno e a morte de Lampião
18. O tiroteio em Pinhão e os cabras de Zé Sereno
19. Quem vendeu armas a Zé Sereno
20. Últimas andanças pela caatinga e a ida para o Sul
21. Por fim
22. Cronologia

Resenhista



Moisés Santos Reis Amaral é mestre em História pela Universidade federal de Sergipe (UFS) e licenciado em História pela Faculdade AGES e atua como professor de História na cidade de Fátima (PMF/BA). Entre outros trabalhos, publicou o “[Manual didático do professor de História: História local e aprendizagem significativa](#)” (2019). ID Currículo Lattes: <https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>; ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5676-8762>; E-mail: moisessantosra@gmail.com.

Para citar esta resenha

ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de. *Gente de Lampião: Sila e Zé Sereno*. Rio de Janeiro: Traço Editora, 1987. 144 p. Resenha de: AMARAL, Moisés Santos Reis. Casal sobrevivente do Cangaco. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 4, n. 20, p. 35-39, nov./dez., 2024.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).